

EDUARDO SÁ



Será possível ser feliz
quando tudo nos
convida a desistir?

Um pássaro
quando pousa
nunca deixa
de voar



Para a Raquel.
Acima de todos!

Um dia que se viva, por mais que sobre ele se escreva quase tudo, nunca cabe em toda a escrita. Porque as coisas acontecem todas uma vez. E por mais que sobre cada uma se escreva e escreva — e se escreva mais, ainda — aquilo que se vive esgueira-se de nós.

A vida, quando a prendemos às letras, deixa de contar para o tempo. E, a partir daí, somos só nós. Mais as letras, a caminhar umas para as outras. E o seu voar.

Aconteceu tudo no dia 17 de Fevereiro de 2021. Pelas seis da manhã. Até esse dia eu sentia-me uma pessoa normal. Depois, caí. Agora, de cada vez que me levanto, acredito que posso ser uma pessoa melhor.

Viver em cada dia o tempo todo

Nunca vivemos no dia em que vivemos. Vivemos amanhã e nos dias a seguir. Vivemos hoje e em vários outros quaisquer. Ou esganhados por pequenos vestígios da memória. Vivemos mais longe que o longe do futuro ou entrincheirados no passado. Mas nunca vivemos no dia em que vivemos. A não ser quando, misturando os dias uns nos outros, haja quem nos arrebate. Seja como for, vivemos em cada dia o tempo todo.

A vida que temos e a ideia que fazemos dela nem sempre coincidem num único viver. Para quem é inseguro, sofre-se, antes do tempo, por se imaginar a dor que sobressai sobre tudo o que se vive. Para quem sonha e acredita, vive-se, apaixonadamente, antes, mesmo, de se dar um primeiro passo noutra vida. Para quem vive depressa, a vida esboroa-se e esmorece e cansa, até, antes que se viva. Para quem a desenha e a projeta — e, meticulosamente, a pretende esmiuçar e educar — a vida pode esperar.

Sempre tive pela vida uma paixão que não escondi. Intensa, quase sempre. Com arrufos e fúrias, como não podia deixar de ser. Atabalhoada e desmedida, algumas vezes. Mas segura, em todos os momentos, supunha eu, sem quaisquer dúvidas. A ponto de a imaginar como uma paixão verdadeira e cuidadosa. E paciente. E dedicada. Como se ela fosse a minha namorada.

Mas, às vezes, o melhor de nós não chega para arrebatrar alguém para o nosso amor. Se bem que ele nos traga ao desvario,

não há como amar por dois. E, talvez por um desencontro difícil de entender, a vida ignorou o meu amor. E, de um momento para o outro, traiu-me, sem aviso. Passou a evitar-me. Deixou de me atender. Deu-me ao silêncio.

Fica para aí!

E eu fiquei. E, de um minuto para o outro, misturando os dias uns nos outros, senti que podia morrer em cada dia o tempo todo.

A vida que temos e a ideia que fazemos da vida nem sempre coincidem num único viver. A não ser quando se morre. E eu morri; um bocadinho. Salvam-me as saudades do futuro da vida que não tive, o que a torna o longe mais longe, ainda. A ponto de ela, acho eu, não mais voltar a ser a minha namorada.

Apanhado de surpresa

No meio do frenesi da paixão pela vida, também eu, em mil desabafos mal pensados, sempre achei que as maldades deviam acontecer, sobretudo, aos maus. É verdade que, como todos nós, sempre matutei nessa espécie de presságio, sem o pensar em pormenor. Teria qualquer coisa de tribunal... Mas sempre achei que as coisas assim ficavam todas mais ou menos arrumadinhas para meu descanso. Haveria nisso tudo uma espécie de ordem natural das coisas. Os bons para um lado; os maus para o outro. Como se houvesse uma espécie de omnisciência que não contempla o acaso, a necessidade, as contradições, a sorte ou o azar, o inesperado ou o accidental. Alimentei uma fé. E não passava disso.

Dir-se-á que seria uma visão com o seu quê de cristão. E é, sim. E eu assumo-o; claro. Não andando Deus a jogar dados com o Universo, até o aleatório teria de ter um sentido de justiça. Logo, se os maus estivessem prontos a avantajarem-se maldade adentro, não haveria volta a dar-lhes e o sofrimento (ou o castigo...) jamais sobraria para os bons. É claro que se eu pensasse por breves segundos, isso de pôr justiça no aleatório faria com que a vida nunca nos apanhasse de surpresa. Que ela nunca tivesse o arrojo (e os destemperos) de quem cavalga numa onda de paixão. Ou que não fosse um reboleio de coisas, sobretudo quando elas mexem todas umas com as outras, ao mesmo tempo. Porque a ideia de uma ordem natural nos remete para a... ordem. Qualquer coisa de sereno, de metucioso

e de pensado. Uma espécie de máquina que corrige o acaso. Uma engrenagem, de grandes dimensões, sempre incansável e funcionante. E, lá está, com um grande arquiteto, na mesa do comando, mexendo nos cordelinhos todos. Deus (quem sabe?) pensando por nós.

Claro que a ordem natural das coisas já me irrita quando acabamos por viver a morte dos mais velhos como uma coisa «natural». A ordem natural da vida faz com que os mais velhos morram mais e morram primeiro. Logo, esqueçam a negligência dos cuidados que eles merecem e que não têm. Ou a injustiça de ninguém os escutar sobre a sua vontade de morrer. Como pode uma ordem natural existir sem se protestar com o arquitecto que dá as ordens «naturais» e se distrai, confundido o mal que dá aos bons e o bem com que premeia os maus?

A par disto tudo — um pouco como quando troco de fila na auto-estrada, e fico com a sensação de que a minha nova fila é a que mais engonha — sempre dei conta de que há inúmeras circunstâncias em que a sorte parece estar do lado oposto da história e que eu me sinto na fila errada do azar. E que os maus, muitas vezes, não são castigados. E, mais, que são indemnizados em vida, mesmo desconfiando nós que eles são só maus. De tal forma é assim que fui ouvindo que a maldade conserva. Isto é, a maldade protegê-los-ia da ordem natural das coisas. E aí, reconheço, não pretendendo mandar ninguém para o inferno (por mais que espere que os maus sofram um bocadinho mais que os bons — o que, desconfio, me desconta uns pares de pontos na minha relação com a ordem natural das coisas) já me sinto um bocadinho insultado. Desculpem! Mas ninguém resiste de forma complacente a tantos aditamentos à ordem natural.

Entretanto, tive um azar. Dos grandes. E fui parar — por muito, muito tempo — a uma cama de hospital. Aí, pensei para

comigo: ou esgotei os pontos que me faziam falta para que a ordem natural das coisas não se revoltasse contra mim, ou o grande arquiteto dessa ordem natural estaria em teletrabalho ou a jogar dados com o universo e, portanto, menos disponível para pôr justiça no mundo, considerando a minha existência. Ou, ao contrário da minha fé, talvez eu fosse menos dos bons do que supunha e de, tão mau assim, tenha tido o que mereci.

Deitado numa cama de hospital, refletia eu sobre estas questões, quando entrou, quarto adentro, com um sorriso de deboche, uma orientadora espiritual a falar de sacramentos.

Estaria para morrer?, pensei para mim.

Tentei insurgir-me e expulsá-la; mas não consegui.

Não te esqueças de que morreste, rapaz..., disse uma voz em mim.

«Desculpe, mas não estou em condições de conversar...»
(Deve-se ser delicado com os demónios?)

Eu gosto de tudo o que é sagrado! Porque rompe os limites da pequenez humana e nos leva a ocupar o lugar de Deus por um instante. Mas, naquele mesmo momento, ninguém me conseguiu resgatar ao pavor de aquela mulher ser uma espécie de batedora que vem vários passos adiante da morte, preparando-me para o caminho até à extrema-unção. Era sombria e feia. Saída dum filme dos anos cinquenta. Ligeiramente estrábica. Com uns óculos semelhantes ao fundo duma garrafa. Umas farripas no lugar do cabelo. E um sorriso sinistro que nunca — mas, mesmo, nunca — se desfazia. Para além do mais, a nossa conversa continuou mal:

— Então, teve um imprevisto... — e sorria, com um olhar de meter medo, como se visse em mim mais um par de pontos que talvez a fizessem levar a ter um lugar no céu.

Ora, não é bem assim! Um imprevisto, para mim, é um privilégio. É um trambolhão que a vida traz a tudo o que imaginávamos saber e nos põe a remexer nas traquitanas que temos cá dentro e a repensá-las. Um azar do diabo já é castigo! Pior do que até eu seria capaz de desejar aos maus.

Estava eu, ainda, a recompor-me da estranha conversa — pensando, para mim, por que caminhos parecem perder-se, tantas vezes, a empatia, a compaixão, a compreensão ou a bondade humanas — e entra um enfermeiro no quarto. Uma pessoa frágil mas bondosa, como talvez sejam todas as pessoas bondosas quando se confrontam com os maus que se vestem de bons e que, às vezes, parecem só existir para nos roubarem a luz. Que, olhando para aquele demónio que só se ria, sem eu poder fugir, não foi capaz de me dizer senão assim:

— Uma pessoa nunca sabe para o que está guardada!

Guardado, enfermeiro Joaquim?!, pensei eu.

Por mais que em cada dia se viva o tempo todo, estar guardado supõe que se tenha um destino que alguém nos possa ter traçado. Porque não hei-de eu poder insurgir-me em relação ao meu? Como pode alguém, depois de não me ter guardado do azar, reconhecendo-me frágil como nunca fui, guardar-me para o mal? Afinal, Deus não dorme?!... Dorme, sim. Mas não devia!

Se houvesse uma ordem natural das coisas, eu aceitaria que nos guardassem para um destino traçado. Mas isso já seria uma espécie de aditamento óbvio à ordem natural, claro. Mas como se pode aceitar o azar se há pessoas que fazem fintas à vida e lhe marcam golos e há sempre alguém que ache que elas têm o talento dos predestinados? Pré-destino?... E o «grande arquiteto», nisso tudo: estará o pré-destino um privilégio acima dos seus níveis de decisão?

A ironia é que a ordem natural não está contra a desordem das coisas. É uma ideia que se atravessa contra a vida, tal como ela é. Vibrante, na sua efervescência criativa. E contra os milagres de que ela é capaz. Contra tudo aquilo com que a vida nos comove. Contra a sua beleza. Logo, não será a ordem natural das coisas uma ilusão que nos faz mal? Ou, talvez, a voz do diabo contra o namoro pela vida?

Não, minha cara senhora: eu não tive um imprevisto. Eu tive, isso sim, um azar; do diabo! Que é — eu quero acreditar que sim — uma categoria superlativa de imprevistos que está acima do aleatório. À luz das probabilidades, será uma improbabilidade. E, como tal, não devia existir. A vida procura o equilíbrio; não a ordem. A ordem, a ordem natural, atenta contra o equilíbrio. Ou contra a vida. Porque, mesmo diante de azares do diabo, a vida é a arte de transformar o sofrimento num exercício ainda mais clarividente de conhecimento, de determinação e de beleza. A vida é a arte de transformar a tristeza, a desolação ou mágoa em astúcia. Em rasgo, em ganas e em garra. Em amor pela vida! E não há, Deus que me desculpe, uma ordem natural que chegue aí.

À espera dum trevo guardado para mim

Imprevisto — e dos grandes — é o trevo de quatro folhas. Ou não fosse ele uma mutação da espécie *Trifolium* que, habitualmente, apresenta três folhas. Regra geral, o trevo é rico em fibras e proteínas e precisa de muita humidade e duma temperatura um pouco mais que amena. Simboliza sorte e fortuna. E, para os antigos celtas, permitia afastar os maus espíritos e a inveja. Acreditavam os druidas que o trevo de quatro folhas teria poderes mágicos que permitiam ver fadas e outras criaturas. E que a quarta folha (para além das outras três, que representariam o Pai, o Filho e o Espírito Santo) seria a graça de Deus.

É raro encontrar-se um trevo de quatro folhas! Há quem o garanta, depois de ter observado cinco milhões deles, que é preciso passar por cinco mil e setenta e seis trevos de três folhas para que se encontre um de quatro. A sorte, à luz dos trevos, não é, afinal, tão aleatória assim! Ela tem um padrão. Uma expectativa que faz com que a graça de Deus esteja a uns cinco mil e setenta e seis avos de distância. Não é, portanto, completamente improvável. Não fica logo ali; é verdade que não. Mas existe! Talvez seja por isso que até o próprio Epicuro tenha assegurado que o azar é o pseudónimo com que Deus foge de assinar o que nos acontece. Seja. (Mas será Deus covarde, assim?) Entretanto, nada me demove de achar justo que devia existir uma matemática para o azar. Se, já agora, um *jackpot*

é o cúmulo da sorte — e os *jackpots* geram um prémio máximo em cada quinze milhões de jogadas — um azar do diabo é o jackpot das coisas más. Que aumenta, vertiginosamente, a probabilidade de nos sair à medida que multiplicamos as coisas boas que vamos fazendo. Depois disso, reconheço, não sei se não nos arriscamos ao pior, na expectativa de que todas as coisas boas que nos propomos fazer nos levem para o céu...

Seja como for, eu acho que sempre que nos falha a palavra nos escondemos nos números. Por mais que os números me encantem. Sobretudo quando descobri que o Homem é um acidente da Evolução, imensamente mais significativo que a probabilidade de encontrarmos um trevo de quatro folhas. Sobretudo quando calculamos as probabilidades, *a priori*, de sermos exactamente iguais ao que somos. Contando os espermatozóides e os óvulos dos nossos pais, a probabilidade *a priori* de sermos o que somos corresponder a descobirmos um dado grão de areia — a um só mesmo e àquele grão de areia — de entre todos os grãos de areia de todas as praias da Terra. Mas se formos até aos 100 milhões de espermatozóides de cada ejaculação dos nossos avós e ao milhão de óvulos potenciais que cada uma das nossas avós terá produzido nas suas vidas, a probabilidade das mesmas duas minúsculas células, de que resultámos, se terem, *a priori*, encontrado terá sido de um para dez, seguido de quase mil e quinhentos zeros. O que faz de qualquer jogo de azar uma brincadeira de crianças! E que nos dá a deliciosa sensação de sermos uma completa improbabilidade. Uma coincidência. Ou, se preferirem, um produto — incalculável! — do acaso. Uma sorte do outro mundo! Somos ou não somos mais importantes do que pensávamos? Somos!

Como pode ter uma pessoa que se sente com o privilégio único de ser o resultado da mais completa improbabilidade

— ou de ser um milagre! — aceitar na sua vida um azar do diabo? Não pode. Seja como for, ao mesmo tempo que a minha filha mais pequenina decidiu, agora, que queria ser médica para me curar, o meu rapaz pequenote, só porque a avó lhe garantiu que no dia em que ele encontrasse um trevo de quatro folhas qualquer desejo que tivesse seria realizado, passou a procurá-lo com toda a insistência. Porque acredita que, a partir desse dia, basta que peça um desejo e eu voltarei a andar. Milagre é que uma poeira tão insignificante de cosmos exista, e pense, e sinta e se comova e, para mais, tenha outra poeira — mais pequenina ainda — a fazer de si o seu maior desejo! Atenção, meu filho, estamos a pouco mais de cinco mil oportunidades de sermos mais felizes!

Afinal, a fé na vida e nas pessoas, como exercício que transcende limites e barreiras, devia proteger-nos dos azares do diabo. Mas, azar o meu, por vezes, não nos protege.

Eu tinha pressa

É fácil, quando se cai porque se desmaia com uma dor, que se recapitule, quase um minuto atrás do outro, por um milhão de vezes seguidas, cada fração de segundo acerca da forma como tudo aconteceu. O mais desconcertante, no final, é que quanto mais se recapitula menos se percebe. O que nos leva a assumir que há zonas ocultas ao conhecimento humano que, duma forma revoltante, não se afrontam nem se perscrutam. Vagueiam por ali. No meio de nós.

A minha história trágica começou dia 17 de Fevereiro de 2021. Desta maneira: senti uma dor aguda e percebi que ia desmaiar. Tinha acordado de um sonho mau. Estava a chegar à casa de banho, talvez a meio do pesadelo talvez a meio do despertar. Um desmaio é, habitualmente, um ir perdendo os sentidos, como se eles se fossem apagando, um atrás do outro. Uma pequena morte, transitória, em que a cabeça começa a latejar e se percebe, devagarinho, que se vai desfalecer. Ao contrário do pânico, deixamo-nos «morrer». Apesar disso, movimenteimei-me em direção à cama para que, ao cair, não me magoasse. Mas caí. De súbito. A sessenta quilómetros por hora, em direção ao chão. Violentemente!

Quando acordei, outra vez devagar, recuperei os sentidos, um a um. Primeiro, percebi um silêncio estranho à minha volta. Depois, abri os olhos e descobri que estava no chão. Ao contrário dos desmaios habituais, não estava encharcado em suor, mas tinha muito frio! Não havia nada que me doesse. Nem nada que,

aparentemente, me assustasse. Reconheci o sítio onde estava, mas senti-me atordoado e prostrado — muito prostrado! — ali, deitado. O céu não podia ser o chão da minha casa de banho. Tentei tirar a mão direita de debaixo do corpo e não consegui. E tentei — outra vez e outra e outra —, mas o meu corpo, sobre a minha mão direita, pesava toneladas e não correspondia. Só mesmo a minha cabeça parecia atarefada a tentar descobrir como é que havia de me levantar. Tentei mexer um pé e a perna toda. Mas não mexia nada da cintura para baixo. Estava morto e vivo, ao mesmo tempo. Sem força para chorar. Sem raiva com que gritar.

Se me perguntassem porque é que eu já fiz milhares de tentativas para compreender o que aconteceu imagino-me a dizer que anseio compreender melhor a minha queda. Mas minto; muito! Eu preciso — hoje, ainda — de entender que culpa é essa que tive nisto tudo. Tinha acordado dum pesadelo. Terá sido esse momento mau que me trouxe até aqui? Depois, aconteceu tudo muito depressa. E eu caí. Como se a vida, à traição, me tivesse rasteirado. Eu não fiz nada de especial para ter uma cólica biliar. A não ser, talvez, ter comido uma canja intragável, na noite anterior.

Quando se desmaia, apagamos, devagarinho, todos os sentidos. Quando se colapsa, há um apagão que cai sobre nós e nos empurra e nos derruba. Não é só uma síncope: é uma enxurrada. E é isso que me atormenta: como se pode aceitar que a culpa disto tudo seja um azar? Deem-me um rosto. Um motivo inequívoco. Uma razão para que tenha sido objeto de tanto mal! Tudo menos ser vítima do azar. O azar não tem rosto. Não deixa um rasto. Não tem um nome ou um lugar onde se esconda. O azar é o cúmulo da calamidade. Não haverá um culpado para o azar? Há uma besta oculta que move

o azar? Há uma engrenagem furtiva que o manobra? Mas o que é o oculto?

Para que é que serve tentar entender uma catástrofe para mim que, em muitos momentos, fiz planos e tomei decisões como se vivesse no dia a seguir, e no noutro, e vivesse, enfim, eternamente? Eu cabia nos dias, claro, mas eles, tal era a paixão com que os vivia, nem sempre cabiam em mim. Transbordavam, de todas as vezes, um bocadinho. E, quando dava por isso, vivia vários dias, todos ao mesmo tempo. Hoje, pergunto-me se isso seria controlar a vida, como se eu mandasse nela. Acho que não. Eu tinha tantos planos para tantas vidas que, evidentemente, era impossível ser metódico e disciplinado para cada uma delas.

Eu tinha pressa de amar a vida à bruta. Pode-se ser meticoloso e sossegado e fácil sempre que se é assim?

Não há como voltar atrás sem ir em frente: as nuvens nunca voam contra o vento.

Tudo aconteceu há exactamente cinco anos. Quando acordei, estava deitado sobre uma mão, sem sentir as pernas e sem sequer ter força para mexer o braço e tirá-lo debaixo de mim. Não foi a primeira vez que desmaiei, e percebi, naquele instante, o que me estava a acontecer: tinha acabado de fracturar a coluna.

No entanto, a vida acabara de se esborrachar sobre a minha cabeça, comigo a processar tudo o que me estava a acontecer e a imaginar o depois do depois do depois de amanhã.

Mais tarde percebi que, num hospital, o sofrimento nos transforma nas pessoas mais sós, mais desamparadas e mais vulneráveis do universo. Foi então, pela primeira vez na vida, que deixei de me sentir uma pessoa. E disse para comigo que era só uma partícula do cosmos, que, — chatice das chatices — todavia, pensava.

Entre memória e reflexão, *Um pássaro quando pousa nunca deixa de voar* é um testemunho íntimo e profundamente humano sobre a fragilidade, a esperança, a paixão pela vida e a coragem para continuar quando tudo parece perdido.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-905-0



9 789895 899050